



# “A reforma agrária”

## MAP entrega novas reservas nos distritos de Beja, Évora e Portalegre

Os serviços regionais do Ministério da Agricultura e Pescas entregaram ontem novas reservas nos distritos de Beja, Évora e Portalegre, em operações que tiveram a cobertura da GNR. Agrários já promovidos reservatórios roubaram, em cooperativas, materiais e produtos agrícolas, também com o apoio da GNR. Funções diferentes tiveram os elementos desta corporação mobilizados para diversas cooperativas onde impediram que os trabalhadores colhessem frutos nos d...

S. Mateus, daquela UCP, e agora roubou grande quantidade de feno da herdade da Gouveia que não tem qualquer relação com o feno roubado em camionetas e um rebo

Uma reserva de pontos, corresponde hectares, na Herde Almoínhas, foi ont Manuel Pra

RESERVA NA ESQUERDA VENCERÁ

## Cenário de guerra? Não! É a GNR em Arraiolos

A fotografia do soldado isolado — de capacete e arma aperrada, em posição de fogo — não saiu de nenhum álbum de recordações de guerra. E a fotografia de um soldado da GNR, emergindo de uma seara de trigo, antecede, nos campos de Arraiolos. Foi na herdade da Oleirita. Trabalhadores da UCP “Santana do Campo” ceifavam o trigo que semearam em terras que o MAP entregou, posteriormente, ao agrário Miguel Potes. Exerciam o direito que a lei lhes confere de colher os frutos pendentes na reserva atribuída. Os trabalhadores tinham ceifado metade dos 130 hectares quando chegou uma força da GNR que os expulsou das terras, obrigando-os a abandonar as máquinas agrícolas. Foi uma operação tipicamente militar. Os soldados da GNR apareceram de surpresa, progredindo em linha e de arma apontada para os trabalhadores, empurrando-os para fora dos limites da herdade. Sem uma pergunta, sem uma explicação. O comandante da força da GNR recusou-se, mesmo, a estabelecer diálogo com os trabalhadores, quando estes pretenderam esclarecer a situação. “Nós só queremos trabalhar” — diziam. “Esse trigo faz falta ao país.” Palavras que esbarrraram na irreductibilidade pré-determinada do graduado da GNR. Não é um comportamento adequado a uma força de segurança. A G3 é uma arma de guerra. Não foi concebida para ser usada contra civis indefesos, no meio das searas ou nas ruas das cidades. Na memória do povo, o uso da G3 está associado à ideia de guerra. Um trabalhador rural, olhando à distância as silhuetas que se moviam por entre o trigo, não conseguiu evitar o amargo comentário: “Até parece que estão em guerra.” Essa era, de facto, a aparência. Uma pergunta se levanta, obrigatória: contra que, ou contra quem?



## Doze feridos em Évora

## A Reforma Agrária

No início do século XX uma vasta região de Portugal (Alentejo e Ribatejo) estava nas mãos de grandes proprietários, muitos foram levados a migrarem em busca de sustento, pois as condições de vida e de trabalho eram escravizantes, o horário de trabalho de sol a sol, as jornas de fome e o preço dos alimentos muito alto, implicando a fome entre o povo.

Após a revolução republicana, em 1910, a luta pela terra tentou adquirir novos contornos e perspectivas, no entanto a jovem República, não atacou nem resolveu a mais urgente luta dos campos.

Em 1911, o primeiro de Maio foi logo comemorado em Évora, e realizada a primeira greve do proletariado agrícola no Alentejo, o que significou um corte profundo entre o movimento operário e a República. No final do ano registaram-se mais de 70 greves de operários agrícolas, criaram-se as organizações representativas de trabalhadores rurais e o 1º Congresso dos Trabalhadores Rurais, em Évora, em 25 e 26 de Agosto de 1912.

Criam-se vários periódicos divulgadores da luta sindical e operária, como o mensário “O Trabalhador Rural”, publicado em Évora, em 1912, como órgão da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais de Portugal, cujo fundador foi José Sebastião Cebola, sindicalista natural de Nª Sra. de Machede. Surgiram ainda “A Terra Livre” (1913), “O Proletário” (1918), “Homem Livre” (1918), “A Batalha” (1919), “Avante” (1919) e “O Rebelde” (1920). Em 1910 contava-se já com o Jornal “A Aurora”.

Em 1924, o 6º Congresso dos Trabalhadores Rurais reclama uma socialização completa da terra e dão-se as primeiras ocupações, no seguimento da marcação da greve geral de 1918.

O golpe fascista de 1926 no entanto, reprimiu violentamente as atividades de protesto, mas os trabalhadores rurais não desistem e a partir de 1941 desencadeia-se um largo processo de lutas que culminaram com a histórica conquista das 8 horas de trabalho diário em 1962.

Perante esta situação Portugal chegou ao 25 de Abril de 1974 com uma situação de agudo conflito de classes nos campos do Sul, mas o povo motivado para exigir em democracia o que sempre exigira durante o fascismo - trabalho, salários e direitos- cria os sindicatos agrícolas, que tiveram um destacado papel em todo o processo, e surge a Reforma Agrária.

Assim, a 9 de Fevereiro de 1975 é organizada a 1ª Conferência dos Trabalhadores Agrícolas em Évora, sendo mais de um milhão e 100 mil hectares de terra ocupadas.

A Reforma Agrária era a concretização de um objetivo constitucional (artº 96 da Constituição da República Portuguesa, alínea a), pois havia que “ *promover a melhoria da situação económica, social e cultural dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores pela transformação das estruturas fundiárias e pela transferência progressiva da posse útil da terra*”. Com ela respondeu-se aos desafios colocados à agricultura dando a dignidade ao povo da região Sul do País.

O Arquivo Municipal não querendo deixar de se coligar à luta travada pelo povo alentejano, desde tempos tão distantes, vem destapar no mês de Maio de 2017 a coleção de recortes de jornal, que possui à sua guarda, sobre o processo da Reforma Agrária nos anos 80, do século XX. Poderá aceder à informação em <http://arqme.cm-evora.pt/>